

REVISITAR A HORTA E A IDENTIDADE: O PERTENCIMENTO CAMPONÊS NO CURSO DE AGROECOLOGIA DA ESCOLA VALDEMIRO PEDRO VIANA EM APODI/RN

Francisco Canindé de Moraes Costa(1); Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento (1); **Co-autor** (2); **Co-autor** (3); Hostina Maria Ferreira do Nascimento (4)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN. E-mail: reitoria@uern.br

Resumo: A compreensão do sentimento de pertença ao campo encontra na escola rural um “laboratório” adequado de observação desse fenômeno. Sabe-se que o Campo não se abstraiu à dinamicidade das mudanças sociais e que até mesmo na implantação de programas e políticas educacionais essas mudanças podem ser notadas. Os novos cursos técnicos que chegam agora a mais escolas brasileiras, tornam-se ambientes pedagógicos propícios à observação, sobretudo quando temos um curso que discute no chão da escola rural, não apenas o manejo do solo ou a agricultura sustentável, mas o “lugar social” do nativo nesse contexto. Estudar o cotidiano escolar camponês é compreender o desafio de analisar um *lócus* culturalmente híbrido, feito de resistência, mas também de diálogo, de calma, mas principalmente de conectividade e barulho criador; o estudante camponês talvez viva na contemporaneidade, a quebra de paradigmas dicotômicos e é preciso que ele saiba o que fazer e como se posicionar à esse rompimento. Este artigo objetiva discutir a atuação do curso técnico de Agroecologia na Escola Estadual Valdemiro Pedro Viana em Apodi/RN. O curso foi concebido por iniciativa do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC e atuou na escola no biênio 2014-2016. Buscaremos compreender de que modo os alunos ressignificam o pertencimento ao Campo a partir de práticas e metodologias vivenciadas no curso técnico. A partir da problematização da realidade freireana nossa metodologia se ocupará em desenvolver um estudo sociocultural com base no estudo da realidade e da ação-reflexão-ação. Um aspecto relevante nesse contexto é entender a importância da identidade cultural em cada um, do quanto seu reconhecimento é salutar para a aprendizagem, promovendo a “assunção” do ser, apregoada e defendida pelo grande Paulo Freire. No caso do aluno camponês, essa assunção é cultivada no seio da terra, no romantismo e na quietude do lugar, mas também na dinamicidade das novas conexões, tecnológicas e sociais que o campo pode fazer a partir do protagonismo de seus atores.

Palavras-chave: Educação do Campo, Agroecologia, pertença, protagonismo.

INTRODUÇÃO

"Da janela do meu quarto eu via a minha escola. Ainda era cedinho e meus colegas não haviam chegado; os passarinhos faziam aquele alvoroço! Como se também se arrumassem para ir à escola. Aquilo tudo exalava aconchego, acolhimento, pertença" (texto do autor).

Há quem diga que deixa o Campo e vem para a cidade não por uma opção, mas por uma necessidade. A busca de uma satisfação financeira, o “lugar ao Sol” o “ser gente”, é normalmente a principal motivação do êxodo de estudantes do Campo para a Cidade. Principalmente no que diz respeito ao Ensino Médio, a grande maioria dos jovens camponeses deixam seu habitat natural e social por longas oito horas enfrentando consideráveis dificuldades das mais diversas ordens no percurso do ano letivo.

Nas últimas décadas surgiram algumas políticas educacionais com propostas inclusivas e de respeito à diversidade, que preveem uma educação do Campo favorável à permanência do estudante no seu lugar de origem, e de uma inserção positiva desse estudante no cotidiano e na produção econômica, social e cultural de sua comunidade; preocupa-se também com a construção de uma conexão viável entre essa comunidade e o resto do mundo. A Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) de 03 de abril de 2002, que institui diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, prevê em seu artigo 2º, parágrafo único que:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, CNE, 2002).

Um aspecto relevante nesse contexto é entender a importância da identidade cultural em cada um, do quanto seu reconhecimento é salutar para a aprendizagem, promovendo a “assunção” do ser, apregoada e defendida pelo grande Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996, p. 19). No caso do aluno camponês, essa assunção é cultivada no seio da terra, no romantismo e na quietude do lugar, mas também na dinamicidade das novas conexões, tecnológicas e sociais que o campo pode fazer a partir do protagonismo de seus jovens atores.

Esse trabalho, considerando o cenário educacional brasileiro e suas propostas para a Educação do Campo, se ocupará no estudo e observação da prática pedagógica do curso técnico de Agroecologia em uma escola estadual de Ensino Médio Rural, a Valdemiro Pedro Viana, localizada no município de Apodi/RN. Uma investigação percorrerá todo o trabalho: buscaremos compreender de que modo os alunos ressignificam o pertencimento ao Campo a partir de práticas e metodologias vivenciadas no curso técnico. Na análise dos documentos citados, em debate com as falas e percepções da Comunidade Escolar, acreditamos construir uma resposta para o nosso problema.

A escolha dessa unidade escolar se justifica pelo seu pioneirismo em fincar raízes na zona rural e se projetar como uma das mais genuínas escolas de Ensino Médio camponês da região. A Escola funciona do turno matutino ao noturno, e tem no total 290 alunos matriculados em quatro modalidades de ensino, a saber, Ensino Fundamental nas séries iniciais e finais, Ensino Médio regular e Ensino Fundamental na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Saberes da terra. A Valdemiro Pedro sediou também um curso técnico em Agroecologia do Programa Nacional

de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC. Seu corpo discente é composto por alunos da Comunidade sede (Santa Rosa II) e de comunidades adjacentes, todas em áreas rurais. Fundada em outubro de 2003, a escola se criou a partir do considerável contingente populacional ali presente, visto que Apodi é um dos poucos municípios do Rio Grande do Norte onde a população rural é numericamente igual a urbana.

METODOLOGIA

Entender a singularidade contida na pesquisa qualitativa exige sensibilidade por parte do etnógrafo que, sentindo a necessidade da escuta ao outro - por entender que o outro é construção humana do seu trabalho e goza de uma coautoria subjetiva – faz e refaz sua escrita, sua apreensão e compreensão da realidade. É um movimento de contínuo aprendizado, de recomeços criativos, da partilha comum de saberes. Sobre isso vemos Nascimento (2016) detalhar a atuação da pesquisa:

A pesquisa via problematização da realidade, alicerçada em princípios epistemológicos, procura o desenvolvimento de uma estratégia de pensamento (auto) crítico e criativo que rompe com o formalismo exacerbado da ciência clássica de caráter positivista, sem deixar de ter em mente a extensão e profundidade do processo de produção do conhecimento (NASCIMENTO, 2016, pág. 2).

Nessa perspectiva, três momentos pedagógicos se apresentam como caminho metodológico problematizador: o estudo da realidade (ER), a organização do conhecimento (OC) e a aplicação do conhecimento (AC). Sem uma sequência linear, esses três momentos constroem o percurso dinâmico do pesquisador freireano na medida em que o agente da pesquisa desvela e é desvelado; reflete sobre suas descobertas, redescobre-se no caminho. O estudo da realidade tende a ser a primeira das três fases, sendo contudo, retomada sempre que necessário. Em síntese, Nascimento procura situar cada momento pedagógico em atividade:

[...] o estudo da realidade (ER) é o despertar do interesse sobre as situações da realidade que demonstram e requerem a necessidade de estudo para interpretá-las, instigando ações transformadoras. A organização dos conhecimentos (OC) é o estudo das questões da problematização fundamentado teoricamente. E a aplicação dos conhecimentos (AC) permite que características gerais do conhecimento construído possam ser aplicadas à compreensão de outros conhecimentos, fenômenos e situações (NASCIMENTO, 2016, pág. 5).



De abordagem qualitativa, nosso estudo privilegiou a perspectiva problematizadora freireana com ênfase nos estudos sobre o conceito de *ação-reflexão-ação*. Foi feito um estudo bibliográfico que analisou o PPP e outros documentos regimentais da Escola Estadual Valdemiro Pedro Viana procurando dar conta de seus pressupostos metodológicos, seu modelo de gestão e de sua relação com o sistema de ensino que integra, na perspectiva de escola enquanto “do Campo”. Teoricamente concebida, a escola foi analisada em suas atividades pedagógicas cotidianas, com enfoque no curso de Agroecologia, sua atuação e a percepção pelos alunos de si e do curso enquanto instrumento de ressignificação identitária. Entrevistas feitas com dispositivos de gravação (celular), abordaram professores e alunos do curso técnico no intuito de sentir e perceber a manifestação e/ou a projeção da identidade camponesa dentro do curso e da escola.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Entre o embalar do vento no carnaubal e o barulho dos carros na rodovia, no desafio de educar na fronteira cultural do campo e da cidade, vive, atua e se afirma a Escola Valdemiro Pedro Viana (Figura 1). Localizada no sítio Santa Rosa II, zona rural do município de Apodi no Rio Grande do Norte, às margens da RN 233, lado leste, a escola nasce em 2003, inicialmente com ensino fundamental e nos anos seguintes com o ensino médio. Nesse percurso, a escola passou por ampliações estruturais e recebeu também, em 2010, um curso técnico em Agroecologia pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC.

Figura 1- Escola Valdemiro Pedro Viana



FONTE: <http://vivicultura.blogspot.com.br/2015/05/nonagenario-sera-comemorado-com.html>

Santa Rosa II integra um conjunto de comunidades – ao todo doze – que compõem a comunidade da Escola Valdemiro Pedro. Naquela região a economia se baseia na agricultura familiar, na pecuária, ovino e caprinocultura, como também na cultura extrativista da palha da carnaúba. Inclui-se também nas potencialidades econômicas do lugar as cerâmicas, produtoras de tijolo e telha de onde provém o sustento de várias famílias da localidade. Uma peculiaridade do lugar é ser a sede da barragem de Santa Cruz, um dos maiores reservatórios de água do Estado, sendo também uma potencialidade turística dali, com visitação o ano inteiro de pessoas de todas as regiões do país. A comunidade de Santa Rosa encontra-se culturalmente reunida em torno da f  cristã com uma capela católica e dois templos evangélicos. As festas de cada uma dessas igrejas movimentam as famílias que se empenham na realiza o do evento.

Apodi   um dos poucos municípios do nordeste brasileiro onde a popula o rural   praticamente do mesmo número da urbana¹. Esse aspecto fortaleceu a implanta o da escola Valdemiro Pedro na comunidade, inclusive expandindo sua atua o posteriormente com a oferta do ensino médio e o curso técnico de Agroecologia. Assim mesmo,   preciso registrar o empenho e mobiliza o dos moradores e da Secretaria através da Diretoria Regional de Ensino (DIREC), para que em 2003, acontecesse a instala o da escola naquela comunidade rural. Mobiliza es- tanto para a chegada da escola como para a implanta o do ensino médio e técnico – caracterizaram o interesse e a disposi o do “povo do lugar” na efetividade daquele projeto. Ao requererem a implanta o do ensino médio, a comunidade escolar contou com a ajuda da associa o comunitária local, do sindicato dos trabalhadores rurais de Apodi, Igrejas (católica e evangélica), Poder público municipal, DIREC e diversos movimentos sociais apodienses como cita o primeiro diretor da escola, o senhor Jorge:

"Para a cria o da Escola, Santa Rosa II e comunidades vizinhas se mobilizaram buscando as autoridades. A  rea da Escola corresponde a 1 km² e foi doada por um morador para que oficialmente o prédio fosse construído; começamos com quatro salas. Para a cria o do Ensino Médio houveram várias mobiliza es juntando-se a nós e a Direc, o Sindicato, associa es, Poder público municipal e igrejas. Ped amos ao mesmo tempo a instala o de um curso técnico de Agroecologia que só chegou   escola em 2014" (Fala do professor Jorge).

O nome da Escola, “Valdemiro Pedro Viana”, faz men o ao nome de um influente fazendeiro ceramista da comunidade que veio a tornar-se prefeito da cidade e que teve seu nome

¹IBGE Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/2TFK>

escolhido para aquela unidade escolar. Uma curiosidade encontrada foi a da escolha do brasão da escola (Figura 2), que é composto da figura de “tijolinhos” como nos conta Dona Marluce, professora aposentada que atuou na escola desde a sua fundação e nessa época era gestora:

“Os tijolinhos... Na época da minha gestão, foi feito um trabalho com cada turma da escola. Ganhou os tijolinhos que simbolizavam a cerâmica, porque Valdemiro Pedro Viana, que foi Prefeito, era aqui da Comunidade, Santa Rosa, ele era proprietário de cerâmica, era Louceiro; a Cerâmica da Santa Rosa era dele. Então através da cerâmica que foi escolhido o símbolo da Escola. Os alunos novatos depois quiseram mudar mas eu disse: Não pode! Isso aqui é a nossa origem, está na nossa história!” (Fala da professora Marluce).

Figura 2- Brasão da Escola Valdemiro Pedro Viana



FONTE: Escola Valdemiro Pedro Viana.

Em sua estrutura física a escola comporta hoje 06 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 almoxarifado, 01 sala para professores, 01 laboratório de informática, 01 laboratório de ciências (biologia, física e química), 01 laboratório de agricultura, 01 laboratório de agroecologia e 01 laboratório de apicultura, 01 biblioteca, 01 cozinha com dispensa e banheiro, 01 mini refeitório em forma de galpão, 03 banheiros, 01 caixa de água que comporta aproximadamente 10 mil litros de água. No que se refere a equipe de funcionários é formada por 01 diretora, 01 vice-diretora, 01 coordenadora, 01 secretária geral, 01 auxiliar de secretaria, 02 apoios pedagógicos, 01 técnico para a TV escola, 15 professores, 01 vigia, 02 auxiliares de serviços gerais e 03 merendeiras.

Formada por um público discente que reside em sua totalidade na zona rural, os alunos da escola Valdemiro demonstram resiliência em sua atuação como descreve o PPP da Escola:

Os alunos provêm de famílias de baixa renda, sendo filhos de pais com pouca formação escolar. Suas fontes de pesquisas são escassas, o que os distancia da leitura diversificada tornando seu conhecimento um tanto restrito. Porém, essas dificuldades não impedem os alunos de buscarem novos meios de desenvolverem suas habilidades e competências cognitivas. A maior parte, contudo, apresenta interesse em aprender, possuindo um considerável grau de curiosidade, disciplina, compromisso, bem como se mostram participativos nas atividades realizadas pela escola (PPP, pág. 6).

Os professores se revezam entre o campo e a cidade no cumprimento de sua carga horária, sem, no entanto, desvincularem-se do cotidiano de seus alunos camponeses, buscando um efetivo ensino-aprendizagem com ênfase no uso da leitura para isso: “[...] os professores são defensores da aprendizagem do aluno destacando a leitura como pressuposto básico para a superação de suas deficiências nas diversas disciplinas da grade curricular (PPP, pág. 7)”. Todos eles são especialistas com destaque para dois professores que já cursaram mestrado.

O CURSO TÉCNICO DE AGROECOLOGIA

Como fruto de uma luta que data desde a fundação da escola, o curso técnico de Agroecologia veio para a instituição através do PRONATEC priorizando as potencialidades do lugar. Com duração de dois anos, tendo iniciado em 2014 com término em 2016, o curso possuiu laboratório de práticas dentro da escola (ainda existente) obtendo apoio também de moradores da comunidade. Ao final dos dois anos o curso técnico apresentou uma baixa evasão e se consolidou como espaço da difusão do saber técnico agrícola, sustentável, mas também foi o lugar onde alunos e toda a comunidade escolar revisitaram sua pertença e seu lugar de camponês. O depoimento da professora Wegna que é nativa da comunidade e atuou como formadora no curso técnico explicita esse percurso:

"O curso tinha a grade bem agrária, onde a gente via o que a gente cultiva na região, uma coisa que a gente viu bem interessante é que são alunos do campo, filhos de agricultores mas que não vivenciam as práticas que a gente tinha aqui. Essa busca e a própria dinâmica do curso, acabou gerando assim um retorno deles (os alunos) às origens dos pais, das coisas do lugar. Porque a Agroecologia não é só a “alface orgânico” mas envolvia também toda uma postura sustentável por parte de educandos e educadores" (Fala da professora Wegna).

É notável esse “reencontro cultural” tanto de alunos e suas famílias - o curso tinha experiências práticas em espaços agrícolas de moradores do lugar – como dos próprios professores e de toda escola. A professora Wegna, moradora da localidade, é também ex-aluna da escola

Valdemiro Pedro, graduada em Gestão Ambiental e com mestrado na mesma área. Ela se traduz talvez em um ponto chave para nossa busca: os anseios de Wegna, suas conquistas e percursos trilhados, traduzem e inspiram aquela comunidade escolar?

Outro importante depoimento foi do aluno Francisco Sales que também reside em Santa Rosa. Ele disse ter ficado muito surpreso pois não esperava que o curso técnico o fizesse aprender a valorizar o seu *chão*, as potencialidades do lugar e a perceber que a sustentabilidade não é um conceito distante; de certo modo, muita coisa vivenciada no curso já era prática cultural cotidiana de todos eles.

CONCLUSÕES

Aqui estamos em um longo caminho de descobertas, surpresas e constatações próprio de toda pesquisa; desvelar com paciência e persistência, rigor e precisão científica esse mundo é desafiador mas, necessário. O diálogo, no seu mais nobre estágio, horizontal e includente, parece ser boa metodologia nesse contexto. Vale lembrar as boas dicas do mestre Paulo Freire:

Porque é encontro de homens que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns aos outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens (FREIRE, 1987, p. 45).

O cuidado na pronúncia do outro é algo central para Paulo Freire. Um bom pesquisador não se constrói sem o diálogo, na escuta do outro, na escuta do mundo. Pronunciar tudo isso é muito mais do que verbalizar, mas é assumir a defesa do discurso também em gestos e ações. No lugar da investigação o pesquisador também é observado. Um silencioso estudo sobre ele, sua postura e sua disposição ao diálogo, à fraternidade, ao comprometimento também estão sob a tutela silenciosa dos olhos nativos. Em educação, entender isso pode ser a chave e a oportunidade para boas aulas, grandes pesquisas, excelentes dissertações e teses.

Nosso estudo olha o campo, a zona rural em um tempo de intensas transformações. A “pureza” do estereótipo, a delimitação cultural e geográfica parecem já não dar conta desse retrato do aluno e do professor, de toda a comunidade camponesa. Muito menos consegue mostrar onde começa e termina a mistura, o contato entre o rural e o urbano. A compreensão que o nosso estudo assenta-se nessa dinamicidade, é uma das primeiras constatações. Isso ao meu ver torna essa

pesquisa mais instigante, desafiadora, uma construção que pode contribuir para a atualização e o entendimento da educação camponesa potiguar.

O curso Técnico de Agroecologia em Santa Rosa I, a pesquisa na escola e o que ela inicialmente desvela, reporta-nos a compreensão de uma identidade camponesa em construção-desconstrução-construção ao fazer um paralelo com a *ação-reflexão-ação* freireana. A identidade camponesa mostra-se a partir de nosso estudo como algo que, sem perder a essência, é ao mesmo tempo aberta à comunhão de saberes à ressignificação autônoma, sem sobreposições. Problematizar na perspectiva freireana é isso mesmo: assumir o desafio da construção permanente, ininterrupta, perene. O ser humano e seus processos formativos carecem desse percurso, dialógico, fraterno e amoroso, percurso que oxigena a existência, que nos põe melhores no mundo, para nós e para os outros.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. L. O. Dos estudos do primário, e da escola normal, para a sala de aula como educadora no curso superior. In: COSTA, M. A. T., OLIVEIRA, M. E. B., FREIRE, S. H. S. L. M. **Narrando para não esquecer: memórias e história da Faculdade de Educação.** Curitiba, PR: CRV, 2014.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.s). **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL, **CONSELHO NACIONAL DA EDUCAÇÃO**, Resolução CNE/CEB 1 de 9 de abril de 2002. Diário Oficial da União, Brasília. Seção 1, p. 32. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 de Maio de 2017.

ESCOLA ESTADUAL VALDEMIRO PEDRO VIANA. Projeto Político Pedagógico. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 14. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

NASCIMENTO, H. M. F. do. **Mala na mão, pé na estrada - em busca de uma pedagogia das singularidades.** 2008. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14307/1/HostinaMFN.pdf>>. Acesso em: 27 de Maio de 2016.

_____. **Círculo de ação-reflexão-ação: uma possibilidade praxiológica para a prática pedagógica da formação problematizadora de professores.** 2011. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14362>>. Acesso em: 02 de junho de 2016.

NASCIMENTO, H.; PERNAMBUCO, M.; LIMA, H. **O tema e a problematização da realidade como metodologia da pesquisa participativa.** (no prelo).

PEREIRA, I. B.; ALANTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário de Educação do Campo.** São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PERNAMBUCO, M. M.; PAIVA, I. **Práticas coletivas na escola.** Campinas, São Paulo : Mercado de Letras, UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte ., – (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador), 2013.

SILVA, A. S. da. Sujeitos jovens do campo, In.:CALDART, R. S., P., C., DOLL, J. (orgs). **Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores.** - Brasília: PRONERA : NEAD, 2006.

SILVA, A. F. G. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular.** org.: Ana Inês Souza. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.